



CÂMARA MUNICIPAL DE
MOGI DAS CRUZES

ESTADO DE SÃO PAULO

LEI nº 7.972, 04 de setembro de 2023

Dispõe sobre denominação de
logradouro público.

O PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE MOGI DAS CRUZES,

Faço saber que a Câmara aprovou e eu, nos termos do parágrafo único do artigo 82 da Lei Orgânica do Município, promulgo a seguinte lei:

Art. 1º Fica denominada **Praça Maria Geuzeda de Moraes Serrão**, cujo dados biográficos acompanha a presente lei, o logradouro público existente no sistema do recreio do loteamento Parque Olímpico e encontra-se cadastrado pela inscrição 26.130.001, em nome do Patrimônio Municipal, com frente para a Rua Gervásio Maria Pinheiro, código 15.771-5.

Art. 2º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

GABINETE DA PRESIDÊNCIA DA CÂMARA MUNICIPAL DE MOGI DAS CRUZES, 04 de setembro de 2023, 463º da Fundação da Cidade de Mogi das Cruzes.

MARCOS PAULO TAVARES FURLAN

Presidente da Câmara

Registrada na Secretaria Legislativa da Câmara Municipal de Mogi das Cruzes, 04 de setembro de 2023, 463º da Fundação da Cidade de Mogi das Cruzes.

PAULO SOARES

Secretário Geral Legislativo

(Autoria do Projeto, Vereador: MAURINO JOSE DA SILVA)



ANEXO ÚNICO DA LEI nº 7.972/2023

Biografia

Nascida aos vinte e dois dias de fevereiro de mil novecentos e quarenta e nove, na cidade de Cariri Mirim, sertão de Pernambuco, Maria desde que pequena foi uma guerreira, seus pais e seus irmãos sempre enfrentaram as dificuldades da seca do sertão.

Na expectativa de tempos melhores, Maria, sua mãe e alguns parentes próximos resolvem tentar a sorte vindo para São Paulo, mas especificamente à Cidade de Mogi das Cruzes.

Quando se mudou para Mogi das Cruzes, Maria morou na Avenida Governador Adhemar de Barros, na altura, hoje, do sindicato dos rodoviários. Suas lembranças deste local sempre se remetiam a dificuldade de conseguir se estabilizar em uma nova cidade, novos costumes.

Morou um tempo com sua mãe na Rua Santana, na altura da JMC Parking, onde começou a trabalhar, na hoje extinta NGK. Tempos depois ela se muda para a casa de sua tia, próxima ao largo da feira de Brás Cubas, onde trabalhava e ajudava como podia.

Maria, então moça, era uma apaixonada pela vida, na mesma época se apaixonou pelo seu então marido Jose Antonino Serrão. Paixão avassaladora, que resultou em 4 filhos nos 48 anos de casamento.

Devido a uma oportunidade de emprego de seu esposo, se mudaram para São Bernardo do Campo, ao qual ficaram pouco tempo e voltaram para Mogi. Foram morar no Distrito de Cesar de Sousa, então era um bairro novo, chegaram a passar apertos de vida, moraram em uma casa onde, não tinha saneamento e quando chovia, alagava.

Logo após mudaram para um sítio, caseiro, na altura do antigo ponto final da linha de Cesar de Sousa. Ficaram bons anos neste sítio. Recebiam os parentes nos finais de semana para as tradicionais feijoadas, todos voltavam com os carros cheios de cachos de bananas.

Em meados de 1991/1992, com a iminente venda do sítio a uma construtora, dona Gê, como gostava de ser chamada, se muda com sua família para os prédios na Vila Cléo. Foram meses de luta, até que sua sonhada casa própria estivesse pronta. Um cômodo com banheiro, foi assim que ela se mudou para o Parque Olímpico em 1994. Com ruas de terra, falta de água, sem saneamento básico, mas era sua, sua casa própria, suada e tão sonhada. Dona Gê foi a terceira moradora do bairro, bairro escuro, que levava seus filhos à escola, ao ponto de ônibus na avenida Japão ou até seus trabalhos.

Dona Gê não media esforços em ajudar o próximo, era dela, tirar de si para ajudar o outro. Por muitas vezes era fácil ver ela doando comida. Se tinha dois sacos



CÂMARA MUNICIPAL DE
MOGI DAS CRUZES

ESTADO DE SÃO PAULO

de açúcar dava um e ficava com um, e, se tivesse só um, partilhava com o próximo. Ela auxiliava os catadores de reciclagem, sempre fornecia alimentos e os produtos que eles recolhiam. Por vezes, era comum, uma família de catadores, se recolher a noite, ela dava leite as crianças.

Entre 1995/1996, a primeira dor de mãe, sua filha é encontrada morta em São Paulo. Para ela restou cuidar de suas duas netas. Com a família aumentando, Dona Gê começa a trabalhar fora, como faxineira e nesta época, apesar da dificuldade de vida, Dona Gê era muito feliz com sua família e estava realizada.

Em 2014, Dona Gê recebe uma proposta para trabalhar na TV Diário como faxineira, foi um momento mágico na vida dela, fez amigos e alguns eram muito especiais. Infelizmente, anos depois, devido aos problemas de saúde de seu esposo, Dona Gê teve que abrir mão do serviço para cuidar dele em tempo integral.

Em 2018, em uma visita de seu filho mais novo, foi descoberto após um sangramento, um câncer no colo do útero. O mundo fica estranho para Dona Gê, rotina de idas e vindas ao hospital, não conseguir levantar, vômitos, viagens para São Paulo, eram os sintomas de vida dela. Por vezes pensou em desistir, mas lutou; lutou e venceu! Ela venceu o câncer.

Católica, praticante, Dona Gê se dedicou a participar das celebrações na Igreja São Paulo Apóstolo no Parque Olímpico e a ajudar com a limpeza, do Santuário Sagrado Coração de Jesus na rua Brás de Pina.

Como sequela do tratamento, Dona Gê ficou com pedras na vesícula. A cirurgia era inevitável, chegou a ficar 20 dias internada e não houve jeito. Após uma longa espera em casa, Dona Gê consegue fazer a operação no HC Luzia de Pinho Mello. Seus filhos, bisneta e esposo cuidaram dela com todo o carinho que merecia.

Mesmo após a operação, Dona Gê, recuperada, não abandonou seus afazeres na comunidade. Sempre dedicada e zelosa. Com a tutela de sua bisneta, as duas continuavam a ajudar os catadores de reciclagem. Sua bisneta aprendeu o que é partilhar com estes atos. Bondosa, como sempre, auxiliava a creche onde sua bisneta estudava como podia, prendas e valores. Por tudo isso a bondade de Dona Gê estará perpetuada em tudo que ela ensinou a sua bisneta.

Mas a vida, é surpreendente, a todo momento somos testados. E mais uma vez, agora de forma definitiva Dona Gê é internada com um quadro de Isquemia. Foram dois dias de internação para que os médicos descobrissem o que ela tinha. Levaram para uma operação de emergência, porém ela não resistiu e faleceu no dia 30 de outubro de 2019, aos 70 anos. Deixou esposo, três filhos, sete netos, três bisnetos e uma saudade que não tem fim a todos os amigos que ela tinha. Uma vida dedicada ao próximo. Uma pernambucana que adotou Mogi das Cruzes como seu lar.
